

## UMA ABORDAGEM TEÓRICA DA SUSTENTABILIDADE SOB OS PARADIGMAS DAS MUDANÇAS SOCIAIS E DO EMPREENDEDORISMO

Leila Cristina Huppel<sup>1</sup>  
Nilvania Aparecida de Mello<sup>2</sup>  
Hieda Maria Pagliosa Corona<sup>3</sup>

### RESUMO

Um dos fatores primordiais que está transformando e conduzindo o modelo de sociedade industrial para uma sociedade pautada no conhecimento é o desenvolvimento econômico, ambiental e social sustentáveis. Nesse contexto, emergem novas regras na competitividade entre empresas e nações, implicando em mudanças nos modelos de gestão, bem como nos padrões de consumo da sociedade contemporânea. A direção para um mundo sustentável requer da sociedade mudanças de paradigmas, novas formas de pensar e agir enquanto seres humanos, além de exigir adaptação dos sistemas produtivos industriais quanto aos novos padrões e necessidades sociais e ambientais. Inserindo-se nessa iminente conjuntura é desejável que os novos empreendimentos já nasçam com ênfase na sustentabilidade. Objetivos: O presente artigo tem por objetivo fazer um resgate teórico e uma reflexão das contribuições e abordagens dos principais autores sobre as consequências da modernidade, a sociedade de risco, sustentabilidade e empreendedorismo sustentável. Metodologia: O trabalho consistiu essencialmente de uma pesquisa bibliográfica na qual se buscou apoiar em alguns dos principais autores, conceitos e definições teóricas sobre os assuntos estudados. Caracterizou-se basicamente pelas leituras e consultas em artigos de periódicos nacionais e internacionais, livros e outros textos disponíveis. Resultados e discussões: O assunto sustentabilidade apresenta diversas variáveis e compreensões que requerem a construção de um conhecimento sistêmico voltado ao saber ambiental, tanto com relação a vivência consciente do ser humano, quanto nas relações empresariais. Neste estudo de levantamento bibliográfico procurou-se oferecer subsídios para os constructos teóricos que permearão a pesquisa de campo que será realizada na etapa seguinte deste trabalho.

**PALAVRAS CHAVE:** Sustentabilidade; Empreendedorismo Sustentável; Mudanças sociais.

### 1 INTRODUÇÃO

A sustentabilidade não é uma abordagem recente, muito embora sua aplicação tenha se destacado na pauta contemporânea dos negócios. Efetivamente o termo sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável como muitas vezes tratado, é polêmico e longe de ser consenso entre empresários, pesquisadores, estudantes, ambientalistas e demais profissionais relacionados a essa área. Isto porque boa parte das empresas ainda encaram essa realidade (da sustentabilidade) como pressão de legislações, custos e gastos desnecessários. Por outro lado, vale ressaltar que há também um contingente crescente de organizações que estão adotando a sustentabilidade como uma estratégia de negócios e oportunidade de diferenciação no

<sup>1</sup> leilahuppel@yahoo.com.br

<sup>2</sup> nilvania@utfpr.edu.br

<sup>3</sup> pagliosa@utfpr.edu.br



mercado, a despeito de outras que pregam imagens sustentáveis puramente mercadológicas.

Segundo Leff (2010) A problemática ambiental gerou mudanças globais em sistemas socioambientais complexos que afetam as condições de sustentabilidade no planeta, propondo a necessidade de internalizar as bases ecológicas e os princípios jurídicos e sociais para gestão democrática dos recursos naturais. Esses processos estão intimamente vinculados ao conhecimento das relações sociedade-natureza.

A problemática ambiental generalizou-se induzindo uma série de efeitos no avanço e orientação de um conjunto de disciplinas para solucioná-la. Daí a importância de analisar os efeitos da emergência da questão ambiental sobre a produção de conhecimento e processo de internalização do saber ambiental emergente dentro de diferentes paradigmas científicos, bem como elaborar as bases conceituais que permitem pensar a articulação de processos socioambientais para construir outra racionalidade produtiva.(LEFF, 2010).

A pressão mundial sobre os governos e as empresas em razão da crescente degradação da natureza e do clamor mundial acerca dos riscos que pesam sobre a vida humana, faz com que toda a sociedade agregue esforços para conferir sustentabilidade ao desenvolvimento. Várias propostas vêm sendo formuladas, a maioria tentando salvar o tipo imperante de desenvolvimento, mas imprimindo-lhe um objetivo sustentável, mesmo que aparente.

[...] a problemática ambiental questiona muito mais a fundo a racionalidade da civilização moderna. A sociedade capitalista gerou um crescente processo de racionalização formal e instrumental que moldou todos os âmbitos da organização burocrática, os métodos científicos, os padrões tecnológicos, os diversos órgãos do corpo social e os aparelhos jurídicos e ideológicos do Estado. A questão ambiental não só propõe a necessidade de introduzir reformas no Estado, de incorporar normas ao comportamento econômico, de legitimar novos valores éticos e procedimentos legais e de produzir técnicas para controlar os efeitos poluidores e dissolver as externalidades sociais e ecológicas geradas pela racionalidade do capital. Para Leff (2002), a problemática ambiental questiona os benefícios e as possibilidades de manter uma racionalidade social fundada no cálculo econômico, na formalização, controle e uniformização dos comportamentos sociais e na eficiência de seus meios tecnológicos,



que induziram um processo global de degradação socioambiental, reduzindo as bases de sustentabilidade do processo econômico e minando os princípios de equidade social e dignidade humana. Num sentido propositivo, a questão ambiental abre assim novas perspectivas para o desenvolvimento, descobrindo novos potenciais ecológicos, tecnológicos e sociais, e propondo a transformação dos sistemas de produção, de valores e de conhecimento da sociedade, para construir uma racionalidade produtiva alternativa. (LEFF, 2002 p. 124-25).

O presente artigo desenvolveu uma abordagem bibliográfica acerca do tema empreendedorismo sustentável. Assim sendo, o objetivo foi realizar um estudo teórico sobre sustentabilidade, as consequências da modernidade e a relação entre sociedade e natureza no contexto atual, explorando os principais referenciais e precursores do assunto. Buscou-se pesquisar as origens e impactos da sustentabilidade para o desenvolvimento econômico, especialmente sua utilização na gestão dos negócios. Quanto à metodologia, caracterizou-se basicamente pela pesquisa bibliográfica, utilizando-se como fonte de leitura artigos de periódicos, livros sobre o assunto e outros textos e materiais. O levantamento teórico serviu de subsídio para a construção da pesquisa de campo que será realizada na segunda etapa deste trabalho.

## **2 UMA REFLEXÃO ACERCA DAS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE E SOCIEDADE DE RISCO**

A sociedade de risco não é um estágio que se pode escolher, pois é um processo que surge e evolui às cegas e surdos alterando as bases industriais. As consequências da modernização e das bases devem ser claramente distinguidas do aumento de conhecimento científico sobre uma reflexão da modernização. Desta forma, a modernização reflexiva é a auto-confrontação com os efeitos da sociedade de risco, não podendo ser tratados no sistema industrial, bem como este não deve obscurecer a análise da transição. (BECH, 1997)

Ao abordar o tema das discontinuidades da modernidade Giddens (1991), aponta a influência, a longo prazo, do evolucionismo social, segundo o qual a história pode ser contada em termos de um enredo que impõe uma imagem ordenada sobre os



acontecimentos humanos, indica que deslocar a narrativa evolucionária, ou desconstruir seu enredo ajuda a analisar a modernidade. Infere que as discontinuidades que diferenciam a modernidade de qualquer ordem social precedente são identificadas principalmente por três características: o ritmo de mudança, a abrangência da mudança e a natureza intrínseca das instituições modernas, como por exemplo, a completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho assalariado. Assim algumas formas sociais modernas não se encontram em períodos anteriores e outras apenas apresentam uma continuidade aparente.

Para Bech (1997) "*O conceito de sociedade de risco designa um estágio da modernidade em que começam a tomar corpo às ameaças produzidas até então no caminho da sociedade industrial*". Tal fator limita o desenvolvimento e redetermina os padrões de segurança responsabilidade e limitação do dano, não sendo possíveis determiná-los pela ciência. As sociedades de risco modernas enfrentam uma confrontação entre suas bases e seus limites até o ponto que ocorrem algumas mudanças (BECH, 1997).

Conforme Giddens (1997), citado por Oliveira e Corona (2008) o momento atual de desenvolvimento das sociedades, aponta para uma grande mudança, pois se está diante de uma modernidade que é tensionada por seus próprios resultados, e que agora precisa se preocupar com suas realizações e seus avanços. O conceito de Modernidade Reflexiva, desenvolvida sob o ponto de vista de Giddens e Bech, oferece uma abordagem que relaciona a um dos pontos da dinâmica explicativa das ciências sociais: a interação do homem com a natureza, ou mais precisamente a transformação da natureza pela ação humana.

As transformações nas civilizações tradicionais podem ser tidas como mais rápidas em comparação com alguns sistemas pré-modernos. No entanto, a velocidade das modificações na modernidade é preocupante, abrangendo todas as dimensões, sobretudo, a tecnológica. Na natureza intrínseca das entidades modernas: alguns aspectos da modernidade não são identificados em momentos anteriores, a citar: "sistema político do Estado-Nação, a dependência por atacado da produção de fontes de energia inanimadas, ou a completa transformação em mercadoria de produtos e trabalho assalariado". (GIDDENS, 1991)



As demais têm somente continuidade com a pré-existente:

Um exemplo é a cidade. Os modernos assentamentos urbanos frequentemente incorporam os locais das cidades tradicionais, e isto faz parecer que meramente expandiram-se a partir delas. Na verdade, o urbanismo moderno é ordenado segundo princípios completamente diferentes dos que estabelecem a cidade pré-moderna em relação ao campo em períodos anteriores. (GIDDENS, 1991)

No transcorrer dos últimos séculos se gestou um ideal de modernidade: o progresso ilimitado, construído mediante um processo industrial, produtor de bens de consumo em grande escala, a expensas da exploração sistemática da Terra, tida como um baú de recursos, sem espírito e entregue ao bel-prazer do ser humano. Essa visão de que os recursos são inesgotáveis, precede um momento de risco, que não pode ser ignorado ou subestimado, e suscitam a necessidade de se discutir a questão da sustentabilidade. Deve-se produzir sim, para atender as demandas humanas e também da comunidade de vida, mas de forma economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente correta.

Para Giddens (1997), citado por Oliveira e Corona (2008) a reflexividade provoca mudanças bruscas em práticas sociais, que são constantemente examinadas à luz de estudos e reflexões sobre as próprias práticas. Porém, os riscos gerados pelo próprio desenvolvimento lançam problemas antes desconsiderados. Questões, como por exemplo, a degradação do meio ambiente, é capaz de colocar em risco toda a sociedade e afetar a todos indistintamente. Neste ambiente incerto, cada indivíduo do grupo social se vê diante da socialização dos riscos, independente da ação individual. Para Bech (1997), esta sociedade é caracterizada como uma sociedade de risco, atribuindo-lhe também a condição de autocrítica visto que os riscos geram multiplicidade de opiniões sobre os mais variados assuntos.

## **2.1 Epistemologia ambiental e mudança de paradigmas acerca da sustentabilidade**

A construção de um paradigma define um modelo padrão a ser seguido o qual se entende um conjunto articulado de visões da realidade, de valores, de tradições, de hábitos consagrados, de ideias, de sonhos, de modos de produção e de consumo, de



saberes, de ciências, de expressões culturais e estéticas, e de caminhos ético-espirituais (BOFF, 2012).

Este conjunto articulado criando uma visão sistêmica, relativamente coerente, significa uma visão geral do universo, da Terra, da vida e do ser humano que serve de orientação para as pessoas e para as sociedades e que atende a uma necessidade humana por um sentido globalizador de tudo.

Para tratar de paradigma na visão contemporânea, considera-se a contribuição de dois estudiosos: Thomas S. Kuhn (2003) e Edgar Morin (1996) *apud* Lacerda (2012). Na ótica Kuhniana, o paradigma é visto cientificamente e se define como teoria ou sistema dominante, por um tempo, numa área científica em particular. É uma concepção que está ligada à evolução das Ciências, caracterizada pela especialização. A ênfase se dá no conhecimento. Embora se refira a aspectos gerais do significado de paradigma, como “modelo ou padrão aceitos” e “matriz disciplinar”, Kuhn (2003, p.218) esclarece em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* que usa o termo paradigma em dois sentidos diferentes: a) de um lado, indicando toda “a constelação de crenças, valores, técnicas, etc..., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada”; b) de outro, denotando “um tipo de elemento dessa constelação: as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos restantes quebra-cabeças da ciência normal”. Percebe-se ainda que “um paradigma é aquilo que os homens de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma”. (KUHN, 2003, p.218)

Morin (1996), *apud* Lacerda (2012) afirma que “o paradigma primeiro impõe conceitos soberanos e impõe, entre esses conceitos, relações que podem ser de conjunção, de disjunção, etc (...), o que não contradiz a idéia de que, uma vez constituídas, as redes sejam mais importantes” (*ibidem*). Neste caso, um paradigma privilegia algumas relações em detrimento de outras, o que faz com que controle a lógica do discurso. O citado autor considera que esse tipo de relação dominadora é que determina o curso de todas as teorias, de todos os discursos controlados pelo paradigma. Trata-se de uma noção nuclear ao mesmo tempo lingüística, lógica e ideológica.



Faz-se necessário a construção de um conhecimento voltado ao saber ambiental que proporcione uma mudança de paradigma, tendo em vista que a sustentabilidade não é apenas um “rótulo” diferenciado, mas sim uma vivência consciente que proporcione melhor estado de vida e preservação do ambiente.

O discurso do desenvolvimento sustentável busca gerar um consenso e uma solidariedade internacional sobre os problemas ambientais globais, apagando interesses opostos de nações e grupos sociais em relação ao usufruto e manejo dos recursos naturais para o benefício das populações majoritárias e grupos marginalizados da sociedade (LEFF, 2001).

Leff (2001, p. 21) citado por Oliveira e Corona (2008) argumenta que “na história humana, todo saber, todo conhecimento sobre o mundo e sobre as coisas tem estado condicionado pelo contexto geográfico, ecológico e cultural em que produz e se reproduz determinada formação social”. Leff (2001) ainda afirma que a transição para uma sociedade sustentável será através do investimento dado à educação na interface ambiente/sociedade como forma estratégica para esse processo.

### **3 MUDANÇAS SOCIAIS E O MODELO SISTÊMICO DA SUSTENTABILIDADE**

Uma das vertiginosas mudanças pela qual a sociedade vem passando é a transformação da era industrial para a do conhecimento, e o desenvolvimento econômico, social e ambiental sustentável são o reflexo desse novo panorama (DOS SANTOS, 2005).

Por um longo período de tempo as pessoas não se preocuparam com o meio ambiente e suas conseqüências, fazendo uso exagerado dos meios oferecidos pela natureza, sem reposição ou reconstrução do que foi degradado. Isso ocasionou sérios problemas para toda a sociedade, até nos dias atuais. Portanto, se faz necessário um novo pensamento, uma nova abordagem que venha orientar novas decisões e ações que possam fornecer condições dignas de sobrevivência. No âmago dessa concepção Razzoto (2010) expõe que a sustentabilidade sinaliza para um novo modelo de desenvolvimento e pode ser tratada como um processo sistêmico pelo qual as empresas e principalmente as pessoas adquirem uma nova cultura, voltada para atitudes sustentáveis.



Em sentido mais amplo a sustentabilidade deve ser compreendida de forma sistêmica, englobando aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade. Preconiza-se que para um empreendimento humano ser sustentável é necessário possuir quatro requisitos básicos: Ecologicamente correto, Economicamente viável, Socialmente justo e Culturalmente aceito (RAZZOTO, 2010).

### **3.1 As diferentes facetas da sustentabilidade: Visão social *versus* mercadológica**

Este tópico visa fazer um resgate e uma reflexão sobre a construção da consciência ambiental e as complexas compreensões sobre sustentabilidade.

A todo o momento o ser humano é bombardeado com propagandas e programas de preservação ambiental. É fato que cada vez mais tem se despertado para questões relacionadas ao consumo consciente, e o consumidor não aceita mais adquirir produtos de empresas que não tenham incorporado essa preocupação sócio-ambiental. Porém, como o assunto da sustentabilidade é bastante polêmico, do ponto de vista da sociedade deve-se compreender que o ser humano é parte do ambiente, é agente e não apenas usuário. Para Razzoto (2010) a sustentabilidade relaciona-se com uma série de valores entre eles o auto-questionamento, auto-responsabilidade, entendimento e valorização da pessoa como um todo, sendo assim, todos são responsáveis pelo todo. Logo, reforça-se a importância de se construir um saber ambiental.

Outrossim, é notório que nos dias atuais a sustentabilidade e a responsabilidade social corporativa se apresentam como uma alternativa para diminuir ou reverter o processo de destruição que o homem provoca continuamente no meio ambiente. Diante disso, insere-se o questionamento de qual a preocupação das empresas atualmente com o meio ambiente? Existe essa preocupação ou é puramente mercadológica? Quais as perspectivas futuras? Como a sociedade atual convive com os riscos ambientais?

Pautando-se na abordagem de Maimon (1994) apresentada por Charbel e Santos (2011), muitas empresas ainda se posicionam de forma reativa no que tange a questão ambiental. Nesse sentido, a interiorização do viés ambiental é guiado na maioria das vezes por orientações de marketing e adequação à legislação ambiental presente. Logo, as organizações que apresentam esse tipo de comportamento não



consideram os atributos da gestão ambiental como uma oportunidade de negócios e reagem de forma lenta as transformações que acontecem no contexto dos negócios (CHARBEL e SANTOS, 2011).

Complacente com as colocações apresentadas pelos autores ressalta-se que para muitas empresas a questão ambiental é erroneamente interpretada como gasto ao invés de ser considerada como investimento. Desta forma, a miopia empresarial paira no sentido de não valorizar a estratégia ambiental como uma oportunidade competitiva e de agregação de valor para o negócio.

Numa outra contribuição do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), apresentado por Nakagawa (2011, p.116-117), podem-se apontar cinco estágios em que possivelmente as empresas se encontram no que concerne aos princípios que guiam sua sustentabilidade:

**Pré-cumprimento legal:** Esta fase caracteriza-se pela rejeição das empresas quanto ao cumprimento de regulamentações ambientais. Avaliam apenas como gastos extras e não consideram a sustentabilidade como um agregado de valor ao negócio.

**Cumprimento legal:** As empresas se limitam a honrar as exigências legais pertinentes a legislação trabalhista, saúde, segurança e passivos ambientais. Contudo, ainda nesta fase os dispêndios com sustentabilidade são considerados como custos, e as empresas exaltam as ações mais como um marketing.

**Além do cumprimento legal:** As empresas que se encontram nesta fase agem proativamente e adotam a sustentabilidade como uma real possibilidade de ganho econômico, através da economia em custos, redução de riscos operacionais e ampliação da reputação organizacional.

**Estratégia integrada:** As empresas neste estágio já se encontram num patamar mais avançado quanto à sustentabilidade. Numa visão holística (agregar valor e satisfazer os *stakeholders*), integram práticas sustentáveis nas suas operações e buscam desenvolver produtos e serviços com uma preocupação sob o ponto de vista do ciclo de vida.

**Propósito e paixão:** Para as empresas posicionadas nesta fase a sustentabilidade está enraizada no propósito da organização, consequentemente promover um



desenvolvimento sustentável é o objetivo da alta direção e faz parte da missão do negócio.

É importante salientar que devido ao viés sustentável ser uma vantagem competitiva entre empresas concorrentes, tem-se observado um esforço gradativo por parte das organizações em melhorar seu posicionamento nos estágios da sustentabilidade.

Para Amato Neto (2011), a sustentabilidade não deve ser considerada como uma atividade de apenas um departamento da empresa. O termo sustentável envolve foco em atividades de pesquisa, desenvolvimento, inovação, ética, valorização dos recursos humanos, preocupação com o ambiente e trabalho produtivo, estratégias mercadológicas, finanças entre outras.

Corroborando, a dimensão da sustentabilidade está presente no âmbito das inovações e compreendem processos produtivos mais limpos e econômicos, produtos inovadores, com novas funcionalidades e com menor impacto ambiental. Ademais, converge para as práticas de sustentabilidade a substituição ou desenvolvimento de novas matérias primas para produtos existentes, investimento na construção e gestão do conhecimento ambiental, adoção de tecnologias, redução de gastos e desperdícios industriais, maior eficiência na gestão de processos produtivos e organização do trabalho (AMATO NETO, 2011).

#### **4 O EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL**

Iniciar um novo negócio é um processo complexo e dinâmico que envolve uma série de decisões e atividades preliminares. Tais atividades incluem pessoas, organizações e ambientes, para que as idéias sejam explanadas e possa assim dar início ao novo empreendimento.

O empreendedorismo é uma das áreas mais importantes da administração, pois por ele perpassa todas as demais áreas. Empreendedorismo deriva da palavra francesa “*entrepreneur*”, que quer dizer aquele que assume riscos e começa algo novo (DORNELAS, 2001). O autor atesta que o tema acerca desse fenômeno que modifica as condições correntes do mercado através da introdução de algo novo e diferente em resposta a necessidades percebidas, tem despertado um crescente e significativo

interesse no campo de estudos organizacionais. O empreendedorismo é marcado pela coragem e surge quando existe o desejo de inovar, quando surge uma nova idéia para ser colocada em prática.

Corroborando ainda, o empreendedorismo nasce da confiança na competência pessoal e da vontade de colocar em prática todo o conhecimento teórico adquirido sobre o mesmo. O novo empreendimento inicia-se a partir de uma visão bem delineada dos clientes, do mercado e da concorrência, das necessidades ainda não descobertas, dos recursos e pessoas. (DORNELAS, 2001).

Hodiernamente tem ganhado força uma nova dimensão do empreendedorismo voltado para o sustentável. Essa nova perspectiva empreendedora contempla o gerenciamento do negócio sustentado nos pilares do TBL (*Triple Bottom Line*), conhecido como tripé da sustentabilidade (social, econômico e ambiental).

Para Kuckertz e Wagner (2010), a questão chave para o empreendedorismo sustentável passa pela educação empresarial. O indivíduo que tem a sustentabilidade como princípio de valor e até mesmo inexperiente em negócios, ele se torna mais provável a colocar (abrir) negócios voltados para esse viés. Nesse sentido, quem tem menos experiência em negócios tem mais possibilidade de abrir empreendimentos sustentáveis. Pelo que se apresenta na concepção desses autores, as pessoas mais experientes em negócios estão mais preocupadas em alcançar a lucratividade, e assim, menosprezam a questão da sustentabilidade.

No contexto da realidade local e regional, observa-se que há muitas oportunidades para pequenos negócios com viés para a sustentabilidade, mas é preciso muitas vezes incentivo e políticas governamentais locais para apoiar esses empreendimentos. Concordando, os autores afirmam que os governos deveriam promover incentivos para negócios sustentáveis.

A orientação para a sustentabilidade é essencialmente influenciada por dois mecanismos relativos a exposição dos negócios, conforme apontam Kuckertz e Wagner (2010). Primeiramente citam a educação convencional de negócios, a qual é motivada simplesmente pela maximização do lucro em detrimento do *Tripple Bottom Line*. O outro aspecto é a experiência adquirida em negócios quando o indivíduo se insere na profissão após o término dos estudos. Os autores afirmam ainda que a graduação

exerce também um papel importante nesse processo de construção da sustentabilidade empresarial.

Portanto, quanto mais qualificadas as pessoas forem, maiores as chances de se implementarem modelos de negócios baseados em oportunidades para o empreendedorismo sustentável.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado no decorrer deste artigo asseverou-se que a sustentabilidade é uma abordagem emergente, tanto no meio acadêmico quanto empresarial. Com isso, denota-se a importância de se compreender inicialmente as origens do tema para então fazer uma análise da sua aplicação no ambiente de negócios. Assim sendo, buscou-se evidenciar no artigo um resgate dos principais autores que abordam a epistemologia ambiental, bem como os conceitos essenciais de sustentabilidade e empreendedorismo sustentável.

Não obstante a reação adversa de muitas empresas no tocante a questão ambiental, é nessa realidade que surge também a sustentabilidade organizacional ou Responsabilidade Social Corporativa. Isto se caracteriza como uma tentativa de reconstruir o que já foi perdido, de reestruturar a gestão de forma a tornar o ambiente corporativo menos destrutivo ao meio ambiente e à sociedade. De forma positiva já se discute no âmbito da gestão, departamentos com comitês, códigos de conduta, indicadores de gestão e ferramentas que visem a inserção da sustentabilidade na estratégia das empresas (RAZZOTO, 2010).

Faz-se necessário a construção de um conhecimento direcionado ao saber ambiental, e que proporcione uma mudança de paradigma, tendo em vista que a sustentabilidade não é apenas um “rótulo” diferenciado, mas sim uma vivência consciente que proporcione melhor estado de vida e preservação do ambiente.

Finalizando, ressalta-se que o estudo teórico apresentado encontra-se ainda em fase de desenvolvimento, e de forma alguma tem a pretensão de esgotar o assunto. Outras correntes teóricas serão pesquisadas, selecionadas e confrontadas com a realidade da aplicação prática da pesquisa.



## REFERÊNCIAS

AMATO NETO, J. **Os desafios da Produção e do consumo sob novos padrões sociais e ambientais**. In: AMATO NETO, J. (Org.). Sustentabilidade & Produção: Teoria e prática para uma gestão sustentável. São Paulo: Atlas, 2011.

BECH, Ulrich. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade Paulista, 1997.

----- A Reinvenção da Política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, Anthony et. al. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012.

CHARBEL, J.C.J.; SANTOS, F.C.A. **Evolução da gestão ambiental na empresa: uma taxonomia integrada à gestão da produção e de recursos humanos**. In: AMATO NETO, J. (org.). Sustentabilidade & Produção: Teoria e prática para uma gestão sustentável. São Paulo: Atlas, 2011.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: Transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DOS SANTOS, N. **Gestão estratégica do conhecimento**. Programa de Pós Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Florianópolis: UFSC, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, A., BECK, U. & LASH, S. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 1997.

IBGC – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa. **Guia de sustentabilidade para as empresas**. São Paulo: IBGC, 2007.

KUCKERTZ, A.; WAGNER, M. The influence of sustainability orientation on entrepreneurial intentions – investigating the role of business experience. **Journal of Business Venturing**. n.5.v.25. p.524-539.sept, 2010.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003 (Coleção Debates; 115).

LACERDA, N.A. **Hipertexto: A superação do paradigma de produção textual**. GT 04, alfabetização, leitura e escrita. Disponível em: [http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.4/GT4\\_3\\_2\\_004.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.4/GT4_3_2_004.pdf). Acesso em: ago/2012.

LEFF, E. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

----- **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002.

----- **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2010.



MAIMON, D. Eco-estratégia nas empresas brasileiras: realidade ou discurso? **Revista de administração de empresas (RAE)**. São Paulo: FGV, v.34, n.4, p.119-130, 1994.

MORIN, Edgar. **Epistemologia da complexidade**. In: SCHNITMAN, D. F. (org). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

NAKAGAWA, M. **Plano de Negócio Sustentável: princípios, conceitos e aplicações**. In: AMATO NETO, J. (Org.). Sustentabilidade & Produção: Teoria e prática para uma gestão sustentável. São Paulo: Atlas, 2011.

OLIVEIRA, K.A.; CORONA, H.M.P. A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. **ANAP Brasil, Revista Científica**. v.1,n.1, p.1-20, jul.2008.

RAZZOTO, E. **Sustentabilidade Empresarial**. Palestra proferida no XIV EPEAD – Encontro Paranaense de Estudantes de Administração. Ampére: FAMPER, 2010.

